

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

Class.: 381

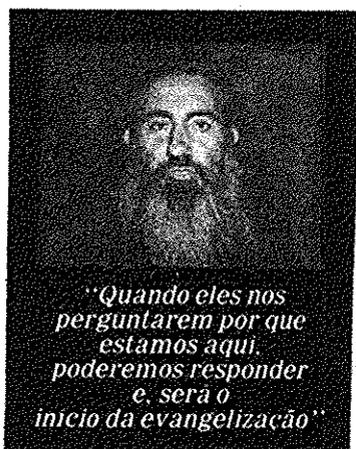
Data: 10/84

Pg.: 12

A vida entre os Yanomami

"Através do conhecimento do mundo cultural, do mundo mítico, descobrimos as raízes, as sementes do Verbo, como diz Ad Gentes". Enquanto conhecem e descobrem, em compasso de espera, os irmãos salesianos Francisco e Luiz Laudato vivem "uma presença amiga" entre os Yanomami do grupo Karawetari, que habitam o limite do Brasil, a 30 km da Venezuela, no Amazonas. Padre Francisco Laudato explica até onde vai essa espera afirmando que, "quando eles nos perguntarem por que estamos aqui, poderemos responder e, será o início da evangelização".

Há seis anos, os dois irmãos chegaram na Missão Salesiana Sagrada Família do Rio Maraulá, no município de Santa Isabel do Rio Negro. A Missão estava abandonada devido à morte de seu fundador, padre Antônio Goes, primeiro brasileiro a entrar em contato com os Yanomami, em 1952. Além de ser presença amiga, observar, registrar, perguntar, a atuação dos dois missionários se caracteriza pelo trabalho de educação — alfabetização na língua yanomami —, assistência à



"Quando eles nos perguntarem por que estamos aqui, poderemos responder e, será o início da evangelização"

saúde, luta contra o paternalismo e contra a dependência dos índios em relação à sociedade envolvente. No início, encontraram muitas dificuldades econômicas e materiais, mas, aos poucos, foram aprendendo a língua dos Karawetari e começaram a fazer roça para se auto-sustentarem. Hoje, nessa comunidade de aproximadamente 370 pessoas, oito meninos e seis meninas aprenderam a ler e escrever na língua materna. Há também aulas para os adultos, incluindo as mulheres. "O nosso esforço — diz Francisco — é para que a aula seja quase parte integral da vida do grupo. Nosso ritmo

acompanha o ritmo da vida deles".

E OS SALESIANOS?

Como os salesianos da região do Rio Negro vêem o trabalho dos irmãos Laudato em Maraulá? Padre Francisco responde: "Há três grupos: os que compreendem mais ou menos esta nova orientação; há os que compreendem e nos apóiam; e há aqueles que não aceitam, mas não digo que nos critiquem... estão nos observando". Para Laudato, "verdade seja dita, as missões do Rio Negro continuam praticamente no ritmo de antes. No plano intelectual muitas coisas estão sendo aceitas. Mas, para passar à prática, temos muitas dificuldades. Isso ainda não consegue ser realizado". Como explicar essa mudança, ainda que basicamente teórica. O missionário que veio de Salerno, na Itália, em 1952, envolveu-se no trabalho de escolas dos salesianos até conseguir optar por viver entre os Yanomami, diz que há muitas causas. "Uma que nos questionou muitíssimo foi o julgamento de Amsterdã". No Tribunal Russel — realizado na Holanda, em 1980 — os salesianos foram acusados de "genocidas". Sobre o julgamento, Fran-



Francisco Laudato

cisco relata: "Alguns reagiram de maneira muito forte às críticas que foram feitas; outros também se questionaram, porque há falhas sim, mas não é assim, como fomos condenados... não é verdade. Porém, a gente percebe que as falhas existem, então isso nos ajudou também a fazer uma reflexão. Um amadurecimento lento, mas constante está acontecendo, porém, uma mentalidade formada, já há muitos anos, é difícil mudar".

MORTE, VIDA

Seis anos depois, Francisco conta um fato que marcou a vida dele e de seu irmão Luiz entre os Yanomami. A morte de um pajé, que se dizia envenenado por inimigos, colocou os dois irmãos ainda mais dentro da vida desse povo. "Foi uma cena tão impressionante, que guardo a minha vida inteira... foi o primeiro contato de dois mundos: o mundo ocidental, que olha a morte de uma maneira quase tétrica, e esta celebração da natureza".

Valeu a pena esses anos entre os Yanomami? Emocionado, padre Francisco responde: "Não só valeu a pena, mas vale cada vez mais. Nós dois estamos sempre entusiasmados. Não digo que seja um trabalho que realiza... mas nos ajuda a entender um pouco os outros, a entender esses nossos irmãos, para que eles possam sobreviver. Para que, num impacto com a sociedade envolvente, não sejam os perdedores. Por certo não serão os vencedores, mas ao menos poderão sobreviver. Poderão enfrentar a sociedade envolvente e não sucumbir, não desaparecer. Acho que esse é o ideal que dá mais força para continuar no meio deles".